

Representações críticas da vida universitária nos webquadrinhos *PhD Comics*

Critical representation of university life in online PhD Comics

Luís Mauro Sá Martino¹

1 Jornalista e Professor na graduação e pós-graduação em Comunicação na Contemporaneidade da Faculdade Cásper Líbero. Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), foi pesquisador-bolsista na Universidade de East Anglia, Inglaterra. Autor dos livros Teoria da comunicação (Vozes, 2009) e Comunicação e identidade (Paulus, 2010), entre outros. O autor agradece aos pesquisadores Fernanda Alcântara e Fernando Gonzalez pelas conversas que levaram ao desenvolvimento deste texto. E-mail: imsamartino@gmail.com.

Resumo

Este artigo delinea as representações da vida acadêmica presentes nos quadrinhos *PhD Comics*, criada por Jorge Cham e publicada online desde 2006, focalizando os aspectos subjetivos da prática de pesquisa. Foram analisadas cerca de duas mil tiras, em diversos arcos narrativos. Observou-se, de um lado, as interações entre pesquisadores, orientadores e professores e, de outro, suas interações com as pesquisas. Três aspectos se destacam dentre as representações: (a) a estrutura hierárquica do ambiente universitário; (b) as disputas presentes no âmbito acadêmico; e (c) a tensão entre a vida pessoal e universitária dos pesquisadores. A representação crítica é, no entanto, feita de maneira leve, construindo um efeito de humor para quem está ou esteve no ambiente acadêmico.

Palavras-chave

Comunicação, quadrinhos, vida acadêmica, epistemologia.

Abstract

Academic life has been a privileged theme for fiction, which found in the microcosmos of campus life the repertoire for stories, generally expounding the contradictions and underlining the all-to-human aspects behind the seriousness of academia. This paper outlines some aspects of the webcomics "Phd Comics", published by Jorge Cham since 2006. Research question focus on the comical representation of academic life, which develops threefold: (a) the hierarchical structure with positions set to everyone; (b) the struggle for power and prestige has precedence over research; (c) the tension between researcher's personal life and the constraints of academic demands. PhD Comics deals with these themes with light-hearted humour, targeted at those who are, or were, at the university.

Keywords

Communication, comics, academic life, epistemology.

As dinâmicas da vida acadêmica, de tempos em tempos, atraem a atenção da ficção, em particular do cinema e da literatura. A complexidade das relações profissionais, os dilemas pessoais e demandas institucionais, além do ambiente das salas de aula e das atividades de pesquisa, são um material rico para a narrativas ficcionais.

Na literatura, esse tema chega a ganhar seu próprio nome, as *campus novel*, literatura do *campus*, e tem como expoentes, entre outros, Kingsley Amis e David Lodge. Enquanto microcosmos relativamente autônomo, a universidade parece ser um cenário fértil para inúmeros temas, seja destacando o cotidiano das atividades acadêmicas, seja deixando o mundo universitário como cenário para outras tramas.

Este artigo delinea alguns aspectos da representação da vida universitária tal como são mostrados nos *webcomics PhD Comics*², tira criada por Jorge Cham e publicada on-line desde 2006. A pergunta de pesquisa diz respeito às representações da vida acadêmica nos quadrinhos, destacando as relações entre pesquisadores, orientadores e professores, de um lado, e as relações com a pesquisa, de outro. Quais são os principais aspectos da representação desses recortes? Em particular, como a relação orientador-orientando e pesquisador-pesquisa são mostradas? Esses pontos foram destacados por se mostrarem, como salientam, entre outros, Graves (1997) e Wisker (2012), particularmente importantes dentre as atividades acadêmicas.

Foram observadas as quase duas mil tiras publicadas on-line, em diversos arcos narrativos, fechando o foco nas relações assinaladas. As relações entre o institucional e o subjetivo nas práticas de pesquisa é tematizado, por exemplo, nas coletâneas publicadas por Maldonado (2006; 2012) ou Bonin e Rosário (2013), em uma discussão crítica dos processos formativos na prática de pesquisa.

Este trabalho dá continuidade a uma investigação sobre o lugar da subjetividade nas práticas epistemológicas, especialmente na pesquisa em

2 Disponível em: <<http://www.phdcomics.com>>.

comunicação, iniciada e desenvolvida em outros momentos em Martino (2016) e Martino e Marques (2017).

Além de episódios da vida no *campus* protagonizada por uma série de personagens, *PhD Comics* também mostra, com um humor crítico, outras práticas universitárias, como o *Bingo da Palestra*, uma seleção de jargões e maneirismos das apresentações em eventos, ou *O que acontece realmente nas apresentações*, sobre erros e problemas no uso de *slides*. Por uma questão de foco, quadrinhos com essas temáticas foram deixados de lado.

Em termos do suporte, vale observar que *PhD Comics* se apresenta como uma transposição da linguagem de quadrinhos impressos, sem utilização de recursos multiplataforma, conforme indicados por Bernardi (2013) ou Evangelista (2015). Cappellari, traçando o roteiro dos quadrinhos rumo à internet, destaca a existência de rupturas e continuidades nesta passagem:

“Na modernidade e na pós-modernidade – analógica ou digital – buscar saber aquilo que melhor se encaixa ao imaginário social é o mais sábio a se fazer para ser bem-sucedido. E os artistas costumam ser os primeiros a perceber mudanças na forma de pensar e agir de uma sociedade.” (CAPPELLARI, 2010, p. 227)

PhD Comics faz uma crítica ácida, mas bem-humorada desses procedimentos, permitindo, a partir de sua representação artística, refletir e questionar sobre sua validade e pertinência.

Se não é aqui o lugar de um inventário sobre a pesquisa em quadrinhos, em particular no ambiente digital, vale uma breve nota indicando o que Werneck (2012) e Anjos e Gushiken (2011) destacam sobre essa resistência da academia em relação aos quadrinhos. Abrão e Gomes (2014, p. 223) indicam, no entanto, o “aumento significativo na produção de revistas especializadas ou sites que tratam do assunto, e até mesmo no número de monografias, dissertações e teses, repensando e produzindo um olhar atento ou ingênuo para as histórias”. Parte dessas pesquisas destaca o potencial dos quadrinhos no ambiente educacional, como fazem, entre outros, Pizarro (2009) e Lucas, Rosa e Fernandes (2013).

Seria possível indicar também, como fonte, as pesquisas clássicas de Eco (1995) sobre quadrinhos como espaço de representação dos signos de uma cultura.

Não deixa de haver uma nota de ironia ou metalinguagem ao se propor um artigo acadêmico – com suas regras, exigências e pressupostos – a respeito de uma história em quadrinhos que satiriza essas práticas, sublinhando o arbitrário de seus procedimentos, a dimensão afetiva presente em qualquer pesquisa e seu conflito com as linhas de força presentes no espaço universitário. E, principalmente, faz isso de maneira humorística, com um humor direcionado a um público que conhece o ambiente acadêmico, especialmente o da pós-graduação *stricto sensu*.

Conforme afirma Machado (2015, p. 8), “na medida em que o consumo de quadrinhos funciona como um elemento constituinte da construção da identidade do indivíduo, instaura-se, a partir da identificação mútua, um sentimento coletivo de pertencimento comunitário entre esses consumidores.” Cham, ele mesmo detentor de um doutorado em engenharia, destaca situações corriqueiras na vida acadêmica e que, de uma maneira ou de outra, compõe os temas de conversas nos *campi* e corredores universitários.

Não há, nas tirinhas, espaços para comentários, mas alguns quadrinhos são sugeridos por leitores, o que indica algum grau de identificação provocado pela narrativa gráfica – e também a perspectiva de certa correlação entre as práticas acadêmicas de vários lugares ao redor do mundo. Ao mesmo tempo, esse processo também apresenta limites relacionados às particularidades de cada país ou região: nos detalhes das tramas, observa-se que a origem das tirinhas são universidades norte-americanas, com seus procedimentos e cenários específicos.

As personagens e seu espaço simbólico

O núcleo das histórias se desenvolve em torno da equipe de pesquisa liderada pelo professor Brian Smith, acadêmico sênior. A universidade, tal como apresentada na primeira tira da série, é Stanford, nos Estados Unidos, mas as

referências desaparecem a partir daí. Sua área de atuação, bem como de seu grupo de pesquisa, nunca é exatamente definida, embora, pela referência a *cálculos, experimentos e laboratórios*, é possível supor que se trata de um ramo das exatas. Todos estão continuamente envolvidos em *projetos*, tanto individuais quanto em grupo, que nunca chegam a ser mostrados para o leitor.

O grupo de pesquisa é constituído por várias pesquisadoras e pesquisadores de pós-graduação em momentos diferentes de suas carreiras. Na maior parte dos casos, há poucas identificações e várias personagens têm participação episódica.

A personagem principal, curiosamente, é anônima. A percepção de sua insignificância no âmbito acadêmico transforma-se em representação literal: ao longo de quase duas mil tiras, nunca é nomeado. Quando alguém se refere a ele diretamente, é sempre em termos de *você*. Sabe-se apenas que ele está na pós-graduação (*“grad student”*), recebe uma bolsa de pesquisa e mora no *campus*. Raramente volta para casa, ao que tudo indica por falta de dinheiro para a viagem. Em uma das sequências, chega a dizer que “vai passar o Natal no laboratório”.

Não fica explícito se está cursando mestrado ou doutorado – supõe-se o primeiro devido à sua idade. Seus únicos amigos são os outros membros da equipe de pesquisa e não há nenhum tipo de envolvimento mais ao longo de toda a sequência. Tem uma participação relativamente ativa na vida acadêmica e, de tempos em tempos, participa de eventos científicos. Ele é o “pesquisador”, anônimo, envolvido até o limite na vida acadêmica, sem reconhecimento ou perspectiva de mudança antes de “terminar a pesquisa”, momento infinitamente protelado, seja pelas infundáveis exigências do orientador, seja por suas atitudes – procrastinar diante da tela do computador, deixar leituras e atividades “para depois” como uma de suas principais formas de fuga, ou resistência, diante da vida acadêmica.

Também sob orientação de Smith, mas em um momento completamente diferente, está Michael Slackenerny. No início das histórias, está terminando seu doutorado. Vive com Jeniffer, e ao longo da série eles têm uma filha. A principal

preocupação de Michael, mais do que sua pesquisa, parece ser com a comida nos intervalos dos eventos acadêmicos dos quais participa – mais de uma vez ele é mostrado tentando levar sanduíches e outros alimentos para casa. Ao concluir seu doutorado, instado por Jeniffer, começa a procurar um “emprego de verdade” (*a proper job*). No entanto, suas qualificações tornam impossível sua contratação por alguma empresa – em uma construção irônica, sua titulação e habilidades intelectuais só têm valor dentro da academia (Figura 1).



Figura 1: A validade da qualificação acadêmica³

Fonte: <<http://phdcomics.com/comics/archive.php?comid=912>>

O fato de já ter alcançado o último grau da carreira acadêmica parece lhe conferir uma situação de relativa liderança em relação aos outros participantes do grupo, mas Michael foge dessa condição de mentor, mostrando-se desinteressado em auxiliar seus colegas mais novos.

A estratégia da designação da personagem por uma característica reforça a sensação de impessoalidade e, de certa maneira, da falta de importância da subjetividade das personagens, reduzidas ao seu modo de ser acadêmico – o centro da narrativa se vale justamente desse recurso.

3 Empregador: “O problema, Mike, não é que você esteja superqualificado para a maioria de nossos empregos. O problema é que o *único* trabalho para o qual você está qualificado já está ocupado... pelo seu orientador. Ele é muito melhor no que faz do que você e nunca vai se aposentar. Basicamente, você estava fora antes de começar.” Mike: “Ótimo. Eu tenho um doutorado em obsolescência”.

Além do protagonista, um de seus colegas, o “aluno preferido” de Smith, não é nomeado, sendo referido pelas outras personagens como *golden boy*, o “menino de ouro” – pesquisador exemplar, detentor do respeito de Smith. Ao longo das tiras, suspeita-se que ele não é particularmente brilhante, nem está mais avançado que seus colegas: sua distinção é ter atraído a simpatia do líder do grupo (Figura 2).

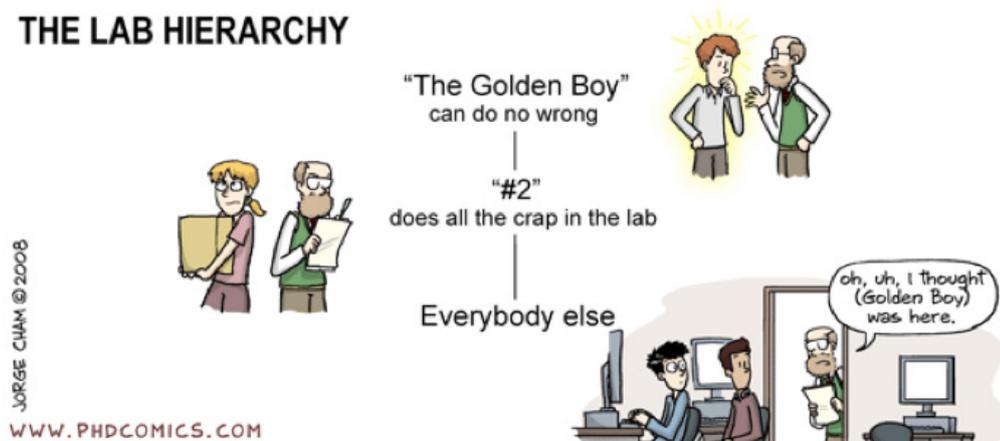


Figura 2: Representação da hierarquia de atividades⁴

Fonte: <<http://phdcomics.com/comics/archive.php?comid=1019>>

Outras personagens são “colegas de pesquisa”, e nomeados quando – e se – necessário. Isso parece deixar evidente a despersonalização existente nesse ambiente: trata-se, em última instância, de uma organização de posições, mais do que propriamente personalidades. Os núcleos da série também estão ligados à fictícia universidade, sem proximidade com Smith e seu grupo de pesquisa.

Cecília, doutoranda, é orientada por Jones, outro professor sênior, com o qual mantém uma relação mais próxima do que aquela entre Smith e seus orientandos. A certa altura, Jones consegue para ela aulas na graduação. Em termos narrativos, isso significa a entrada de um novo ponto na trama – a relação de Cecília com os jovens da graduação, que, coletivamente, acabam se transformando em uma espécie de “personagem” com a qual ela interage. Sua pesquisa também não é identificada, embora fique claro que se trata da área de exatas.

4 Hierarquia do laboratório: “O garoto de ouro nunca erra”; “#2: faz todo o trabalho pesado”; “Todos os outros”; “Professor Smith: oh, eu pensei que o garoto de ouro estava aqui”.

O pano de fundo pessoal de Cecília é o mais explorado na trama, focalizando na dificuldade de equilibrar suas atividades acadêmicas e sua vida afetiva. Há uma presença recorrente de diálogos com sua mãe a respeito de suas atividades, mas sempre por telefone ou reportados para uma terceira pessoa – ela nunca aparece. A mãe não compreende completamente o que a filha está fazendo na universidade, uma vez que já é formada, e insiste que ela deveria ter um “trabalho de verdade” e definir sua vida amorosa. O ponto é importante: durante a série, o namorado de Cecília recebe uma proposta de trabalho em outro país. Presa a seus compromissos acadêmicos, “terminar o doutorado”, ela não pode ir. As dificuldades de manter o contato à longa distância – são quatro horas de diferença – acaba definindo o fim do namoro.

Cecília divide um apartamento com Tajel, única estudante de ciências sociais. Sua apresentação deixa de lado a figura da cientista ligada exclusivamente ao trabalho acadêmico e em seu lugar aparece a militante: Tajel é mostrada como uma estudante ligada a questões políticas e, sobretudo, a discussões sobre gênero, etnia e desigualdades econômicas. É ela quem, em alguns momentos, faz comentários a respeito dos problemas da própria academia. Essa apresentação, no entanto, também não é desprovida de crítica na série de tirinhas: Tajel, em certos momentos, mostra um pragmatismo que contraria alguns de seus princípios declarados, indicando uma série de tensionamentos aos quais a personagem também está exposta.

O professor Brian Smith é a personagem mais explorada dentre o corpo docente. Sua história é contada de maneira fragmentária, a partir de recordações ou pequenos comentários apresentados de maneira espaçada ao longo das tirinhas. Cerca de vinte anos antes do começo da trama, ainda como um jovem pesquisador, Smith publicou um ou dois artigos de alto impacto em seu campo. Com isso, conseguiu estabilidade (*tenure*), ápice da vida acadêmica na medida em que lhe provê de um capital simbólico, no sentido de Bourdieu (1997), alto o suficiente para entrar em um circuito de reprodução.



Figura 3: Orientador esquece da banca do orientando⁵

Fonte: <<http://phdcomics.com/comics/archive.php?comid=668>>

Sua relação com os estudantes é de distância e frieza, mostrando um interesse protocolar em suas pesquisas – em uma das tirinhas, chega a esquecer da banca de defesa de um de seus orientandos (Figura 3). Seus interesses se dividem entre suas pesquisas e a obtenção de bolsas e financiamentos. É casado e tem dois filhos, que aparecem em um único arco narrativo: estão na praia, de férias, e Smith passa o tempo todo pensando em seu trabalho (Figura 4) – a representação gráfica mostra o casal de frente para o mar e um balão de pensamentos de Smith cheio de cálculos e figuras.

A dimensão institucional e sua dinâmica

A partir de Smith, o leitor é conduzido para o quadro institucional das questões acadêmicas, representado nas tirinhas pelas disputas entre departamentos, a pressão e a dificuldade para obter financiamentos e toda a trama de pequenas lutas simbólicas por reconhecimento, prestígio e interesse entre os pares. As disputas políticas presentes nesse espaço são representadas graficamente muitas vezes

5 Doutorando: "Professor Smith! Você o viu? Ele deveria estar na minha banca, mas ninguém sabe onde ele está!! Aaaaah!"; Professor Smith: "Hum... Tenho a leve sensação de que eu deveria estar em algum outro lugar agora.... Eh, não deve ser muito importante".

de maneira literal, quando as figuras aparecem como figuras de um baralho ou mostradas como parte de gráficos ou, em certos momentos, jogos de tabuleiro.

Na medida em que, como assinala Braga (2010), o processo de pesquisa é uma contínua tomada de decisões, é importante levar em consideração não apenas suas diversas etapas, mas também as várias dimensões – institucionais, pessoais, cognitivas – presentes. Em seu conjunto, o mundo acadêmico é apresentado como um espaço de tensões, disputas e uma série considerável de desilusões que só não se convertem em abandono ou desistência pela reiteração periódica da *illusio* do campo, no sentido de Bourdieu (1980; 1992), objetivada em momentos de reconhecimento, elogio ou mesmo nas pequenas vitórias do cotidiano acadêmico – como em uma das tiras na qual Cecília termina de corrigir uma pilha de trabalhos da graduação, quando Michael finaliza seu doutorado ou mesmo, na intersecção com o aspecto pessoal, quando Tajel se casa.

No entanto, a reiterada dificuldade das pessoas de fora da academia – a mãe de Cecília, a esposa de Michael – em compreender qual a razão do alto investimento financeiro, emocional e pessoal das personagens em sua pesquisa levanta continuamente a suspeita, nos quadrinhos, que as atividades acadêmicas são autorreferentes, com pouca ou nenhuma validade fora de seu âmbito específico. Essa circularidade é indicativa das dinâmicas de um campo – a validade de uma prática é definida e reconhecida por aqueles que a praticam. O capital simbólico do campo acadêmico, elemento de disputa contínua ao longo da série de tiras, não encontra nenhum tipo de conversão fora da universidade. O espaço construído de disputa, o campo, só faz sentido para seus participantes, parecendo hermético àqueles que estão fora. O prêmio só se configura como tal para quem o almeja, recorda Bourdieu (1980).

Desenha-se uma suspeita de que todo o esforço de pesquisa é, na verdade, inútil no “mundo real”, no qual as regras e valores da academia não se aplicam. A perspectiva de ter um emprego regular, representado por Jeniffer, ao mesmo tempo desperta curiosidade e medo em Mike, que volta para o mundo acadêmico – é convidado pelo professor Smith para fazer um pós-doutorado. Como reconhece

Michael, na perspectiva crítico-cômica que perpassa os quadrinhos, é “fazer a mesma coisa do doutorado, mas ganhando uma bolsa de pesquisa com o dobro do valor.”

O foco das relações acadêmicas em *PhD Comics* é marcado, o tempo todo, por um forte componente emocional e afetivo. A relação dos pesquisadores com suas pesquisas é caracterizada alternadamente por momentos de completo envolvimento afetivo e uma distância próxima do desamor, recusa ou da desistência. O enredo da série se concentra em mostrar as dimensões humanas – próximo, talvez, de um *homo demens* no sentido de Morin (2009) – presentes nos bastidores da produção científico-acadêmica e que, em certa medida, são determinantes para estabelecer linhas de investigação, conceitos ou determinadas práticas na academia.

Há um componente de crítica também nesse momento: à parte as dificuldades de pesquisa, escrita ou os prazos acadêmicos, o momento diante da tela também é uma oportunidade de contínua procrastinação, com interrupções contínuas da escrita ou pesquisa para responder e-mails sem importância ou “pesquisar na internet” em busca de informações insignificantes ou sem relação com o trabalho. Essas atividades são sempre mostradas como responsáveis por consumir um tempo considerável que, no momento seguinte, se mostra crucial para o término do trabalho.

O plano subjetivo e a tensão com o acadêmico

A articulação dos aspectos subjetivos da produção acadêmica na tomada de decisões sobre a pesquisa parece ser inversamente proporcional à atenção dada a isso no âmbito das questões sobre produção de conhecimento, como sugerem também Rey (2007) e Hyland (2012).

A subjetividade das personagens, nos *PhD Comics*, é mostrada como um ponto de tensão entre suas personalidades, história pessoal e aspirações, de um lado, e as exigências acadêmicas, de outro. Há uma diferença, sempre ressaltada, entre as aspirações das personagens e o que é possível, de fato,

fazer. Esse desequilíbrio pode ser explicado pela presença de inúmeras “linhas de força” – como assinala Deleuze (2017) – nas quais se entrelaçam as personagens. Uma parte do desbalanço afetivo e emocional dos pesquisadores em relação às suas pesquisas, na série de quadrinhos, parece ter sua origem justamente na inabilidade de todos, incluindo os orientadores, em lidar com as dinâmicas de poder do campo acadêmico. Suas identidades acadêmicas ao mesmo tempo colidem e complementam sua subjetividade.

No entanto, a expectativa de reconhecimento, isto é, de obter uma posição de prestígio na universidade, mantém a dinâmica das interações das personagens – o reconhecimento da validade das disputas, recorda Bourdieu (1980; 1992), permite cultivar a *illusio* do campo e garantir, desta maneira, sua manutenção. Há uma faixa de objetivos comuns – terminar o mestrado ou doutorado, no caso dos pesquisadores; conseguir bolsas, financiamento e cargos, para os professores – responsável, conforme mostram os quadrinhos, pela manutenção da situação de todos e de cada um dentro do espaço acadêmico. Conforme afirma Machado (2015, p. 8), “na medida em que o consumo de quadrinhos funciona como um elemento constituinte da construção da identidade do indivíduo, instaura-se, a partir da identificação mútua, um sentimento coletivo de pertencimento comunitário entre esses consumidores”.

Seria possível sugerir, como afirma Bourdieu (1992), que o preço da falta de visão decorrente de uma *illusio* de campo está ligado a um *habitus* acadêmico atuante para manter a todas e todos na disputa, mas não introjetado o suficiente para evitar conflitos com a subjetividade das personagens. A solução adotada por elas é submergir o elemento subjetivo diante da pesquisa – até o ponto radical do protagonista da série não ter nome, mas ser o “aluno de pós-graduação”.

Cecília, Tajel e Michael têm maneiras diferentes de lidar com a tensão entre as demandas acadêmicas e as implicações de sua subjetividade – Cecília tem um estoque de chocolates para os momentos de dificuldade na escrita e precisa dar conta da relação com sua mãe; Tajel contrabalança suas atividades acadêmicas com sua militância política; e Michael dedica seu tempo à Jeniffer e sua filha.

Desta maneira, conseguem, ainda que parcialmente, dar conta efetivamente de suas atividades mantendo algum referencial no mundo externo à academia.

Barbosa e Hess (2010) destacam a necessidade de ter sempre em mente as razões de ordem subjetiva presentes em cada momento da pesquisa. Isso permite não apenas dimensionar cada passo, como também recordar as motivações e ideias presentes no início de cada trabalho.

É interessante observar o peso menor desses conflitos no caso dos professores e orientadores. Integrados à vida acadêmica há mais tempo, tem um conhecimento maior das exigências universitárias e das estratégias necessárias para lidar com elas. Raramente são mostrados com conflitos pessoais ou com algum pano de fundo familiar que exija sua atenção. Ao contrário, direciona sua energia, tempo e dedicação para as atividades universitárias, sobrepostas à vida familiar. Como mencionado, Smith, de férias, é retratado pensando em sua pesquisa (Figura 4):

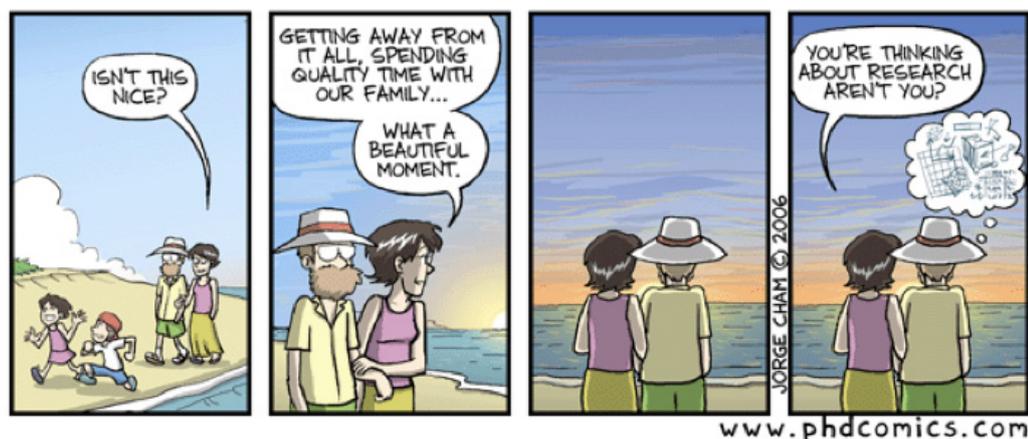


Figura 4: A mescla do mundo familiar com as atividades de trabalho⁶

Fonte: <<http://phdcomics.com/comics/archive.php?comid=753>>

Professor Jones, orientador de Cecília, quando ela lhe conta sobre o término do namoro, tenta confortá-la dizendo que “foi casado três vezes”, mas sua

6 Esposa: “Não é ótimo? Ficar longe de tudo, ter um tempo para a família... Belo momento. [...] Você está pensando em sua pesquisa, não está?”.

dedicação à vida acadêmica invariavelmente o levou ao divórcio em todas as ocasiões (Figura 5).

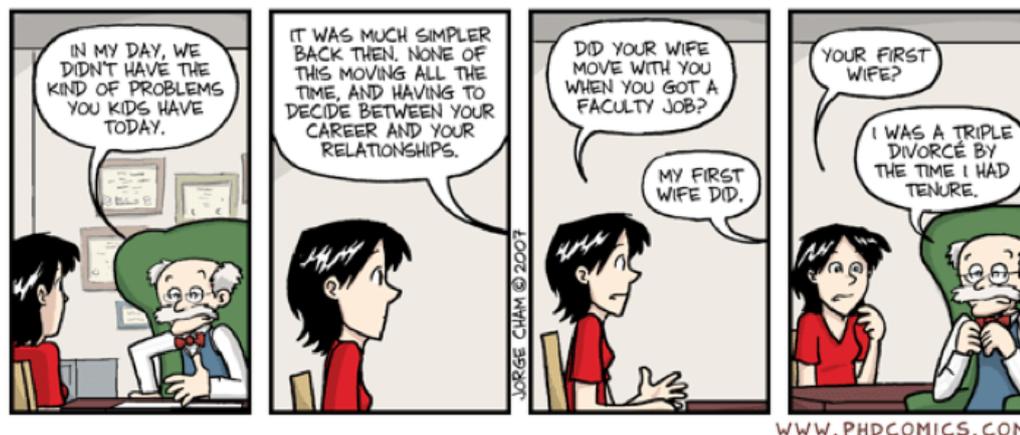


Figura 5: A mescla do mundo familiar com as atividades de trabalho⁷

Fonte: <<http://phdcomics.com/comics/archive.php?comid=875>>

Esses conflitos se tornam particularmente visíveis quando os pesquisadores são retratados nos momentos de escrita e produção de seus trabalhos. O lugar diante da tela do computador é o espaço de conflitos, dúvidas, problemas de autoestima e falta de autoconfiança para a realização da pesquisa. Os conflitos deixados de lado durante o tempo de trabalho com os colegas ou nas reuniões de orientação vêm à tona na solidão do momento da escrita. Em várias tirinhas focalizando esse momento, a reação emocional das personagens fica explícita em sua relação com o computador – salvando obsessivamente o mesmo arquivo, batendo no teclado ou golpeando a tela.

O estudante anônimo de pós-graduação é mostrado de maneira recorrente nessa situação: diante de um prazo, deixa tudo para última hora enquanto se dedica a tarefas sem importância, voltando ao trabalho, já em pânico, apenas quando não há mais tempo (Figura 6):

7 Professor Jones: "Na minha época, a gente não tinha problemas como vocês. Era muito mais simples antigamente. Nada dessa história de ficar de um lado para o outro, tendo que optar entre carreiras e relacionamentos." Cecília: "Sua esposa ficou com você quando você se tornou professor?" Professor: "Minha primeira esposa sim". Cecília: "Sua primeira?" Professor: "Sim, me divorciei três vezes antes de conseguir estabilidade".



Figura 6: Dificuldades na escrita⁸

Fonte: <<http://phdcomics.com/comics/archive.php?comid=971>>

Michael, em uma das tiras, após ser mostrado diante do computador com expressão séria e concentrada, sugerindo também uma longa passagem de tempo, pressiona a tecla "salvar" e comemora "YES!". Sua companheira comenta, irônica: "Terminamos outro parágrafo, não?", e ele responde "Eu sou um deus da escrita" (Figura 7):



Figura 7: Dificuldades na escrita⁹

Fonte: <<http://phdcomics.com/comics/archive.php?comid=333>>

A opção do autor das tirinhas é por não mostrar dificuldades específicas desta ou daquela pesquisa ou disciplina, mas destacar elementos gerais que, de

8 Pós-graduando: "Aah! São cinco da tarde e eu não fiz nada o dia todo! Por quê?! Por que gastei o dia todo fazendo coisas que não interessam? Preciso... fazer... algo... [lê um parágrafo do artigo] ufa! [outro dia na academia]".

9 Mike: "SIM!" Jeiffer: "Terminamos outro parágrafo, hein?" Mike: "Eu sou um deus da escrita".

certa maneira, permeiam todas as atividades acadêmicas. Para Silva (2001, p. 6), “a narrativa nos quadrinhos oferece uma pista importante para se entender os efeitos diversos que o autor objetiva em sua história”. Isso inclui desde questões específicas de pesquisa ou da escrita acadêmica – momentos sempre difíceis, de acordo com os quadrinhos – até demandas institucionais, prazos e financiamentos, sem mencionar a relação, complexa e delicada, de orientação.

Os orientadores, aliás, respondem a essas expectativas pautados no encaminhamento pragmático da pesquisa ou dos procedimentos acadêmicos, sugerindo, na sequência da série, um grau baixo de engajamento com seus orientandos. Há, neste ponto, uma tensão que não se resolve: enquanto para Cecília, Tajel ou Michael suas pesquisas são únicas, parte de projetos de vida longamente planejados e desenvolvidos, fica a impressão de que para seus orientadores trata-se apenas de mais uma orientação na série de atividades e pesquisas às quais se dedicam.

Um dos quadrinhos que evidenciam isso usando, novamente, a literalidade da representação. No primeiro quadrinho é apresentado a um leitor “Como você, pesquisador, se vê”: *expectativas, esperanças, vida, interesses, aspirações*. O segundo quadrinho tem como título “Como a maioria dos professores vê você”, e mostra um cérebro apoiado em uma vareta (Figura 8).

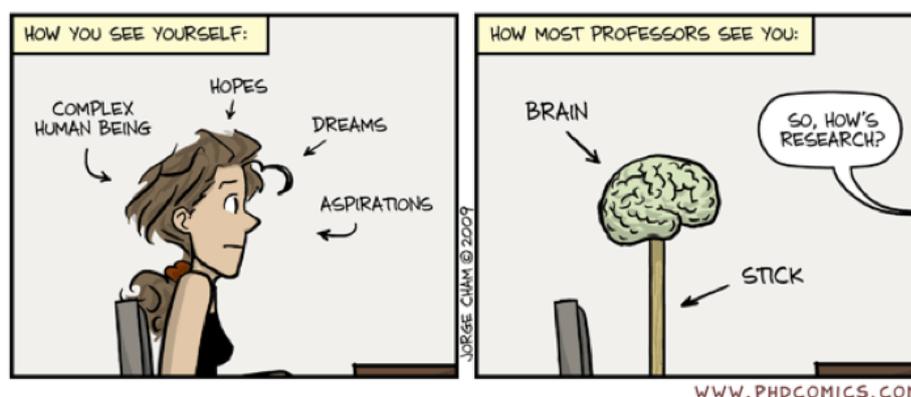


Figura 8: Diferenças na representação da pesquisadora¹⁰

Fonte: <<http://phdcomics.com/comics/archive.php?comid=1126>>

10 “Como você se vê: Ser humano complexo – expectativas – sonhos – aspirações. Como a maior parte dos professores vê você: cérebro – suporte. Professor: ‘Então, como está sua pesquisa?’”.

Em certa medida, o posicionamento dos orientadores apresentado nos *PhD Comics* é quase o de um “anti-mentor”, ecoando o que Schnetzler e Oliveira (2010) e Wisker (2012) mostram como atitudes negativas, a serem evitadas no processo de orientação.

Considerações finais

Como outras atividades humanas, a pesquisa acadêmica não deixa de ter suas peculiaridades, rituais e maneirismos, que podem parecer bastante estranhos aos não-iniciados – mas, por vezes, provocam perplexidade mesmo entre seus participantes. Sob o olhar estético crítico, consegue chamar a atenção para os problemas de algumas dessas práticas e a necessidade de transformá-las.

O reflexo desses conflitos, latentes e explícitos, é uma espécie de tensão – geralmente solucionadas, no *PhD Comics*, com uma chave de humor – presente ao longo de toda a série diante dos dilemas enfrentados pelos pesquisadores. Um dos efeitos de humor é justamente trazer para primeiro plano os conflitos, disputas, hesitações e problemas que perpassam toda a prática acadêmica, mas que raramente são colocadas em questão – aliás, lembra Bourdieu (1997, p. 18), “nada é mais universal e universalizável do que as dificuldades”.

A insularidade acadêmica em relação ao mundo exterior, sugerida nos quadrinhos, é complementada pelo distanciamento, talvez em igual proporção, no que diz respeito à vida dos orientandos: questões pessoais só vem à tona quando se tornam obstáculos à realização das pesquisas acadêmicas. Para os professores, esse obstáculo parece ser resolvido com o direcionamento de suas energias para a academia e suas demandas: raramente mostrados em qualquer atividade de sociabilidade ou lazer, são apresentados como parte fixa desse espaço.

Neste sentido, revela-se como personagem a própria universidade: mais do que um cenário ou um lugar, ela é mostrada como um conjunto de relações de força em meio ao qual os pesquisadores são continuamente desafiados a construir e reconstruir suas subjetividades.

Referências

ABRÃO, D.; GOMES, N. S. Quadrinhos: arte contemporânea? *Cadernos Cespuc*, v. 1, n. 25, p. 213-225, 2014.

ANJOS, L. B.; GUSHIKEN, Y. Histórias em quadrinhos: clássicos da literatura? In: INTERCOM CENTRO-OESTE, 13., 2011, Cuiabá. *Anais...* Cuiabá: Intercom, 2011.

BARBOSA, J.; HESS, R. *Diário de Pesquisa: o estudante universitário e seu processo formativo*. Brasília: LiberLivros, 2010.

BARROS, E. P.; RECUERO, R. Representação do gênero feminino como forma de empoderamento da mulher. In: INTERCOM, 38., Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Intercom, 2015.

BERNARDI, B. P. *Quadrinhos digitais: uma análise das novas possibilidades*. 2013. Dissertação (Mestrado em Tecnologias da Inteligência e Design Digital) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

BONIN, J.; ROSARIO, M. *Processualidades metodológicas*. Florianópolis: Insular, 2013.

BOURDIEU, P. *Homo academicus*. Paris: Seuil, 1992.

_____. *O poder simbólico*. São Paulo: Bertrand Brasil, 1997.

_____. *Questions de sociologie*. Paris: Minuit, 1980.

BRAGA, J. L. A prática da pesquisa em comunicação: abordagem metodológica como tomada de decisões. *E-Compós*, v. 14, n. 1, Brasília, jan./abr. 2010.

CAPPELLARI, M. S. V. A transição dos quadrinhos dos átomos para os bits. *Revista brasileira de ciências da comunicação*. São Paulo, v. 33, n. 1, jan./jun. 2010, p. 221-235.

DELEUZE, G. *Dois regimes de loucos*. São Paulo: Editora 34, 2017.

ECO, U. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

EVANGELISTA, E. *Quadrinhos digitais: potencializando a leitura*. 2015. Dissertação (Mestrado em Design e Expressão Gráfica) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

GRAVES, N. Problems of supervision. In: GRAVES, N.; VARMA, V. (Org.) *Working for a doctorate: a guide for the humanities and social sciences*. Londres: Routledge, 1997.

HYLAND, K. *Disciplinary identities*. Cambridge: CUP, 2012.

INACIO FILHO, C. *A monografia na universidade*. Campinas: Papyrus, 2005.

LUCAS, H. D.; ROSA, R.; FERNANDES, C. História em quadrinhos: reflexões metodológicas. *Revista Pangea*, ano. 4, n. 11, 2013, p. 190-204.

_____. História em quadrinhos: reflexões metodológicas. *Revista Pangea*, ano. 4, n. 11, 2013, p. 190-204.

MACHADO, L. R. M. A dimensão afetiva do consumo de histórias em quadrinhos: indício de uma comunidade. In: INTERCOM, 38., Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Intercom, 2015.

MALDONADO, A. E. et al. *Epistemologia, investigação e formação científica em comunicação*. Natal: Editora da UFRN, 2012.

MALDONADO, A. E. et al. *Metodologias de pesquisa em comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

MALDONADO, A. E.; BONIN, J. A.; ROSÁRIO, M. N. *Perspectivas metodológicas em comunicação*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2008.

MARTINO, L. M. S. Da teoria à metodologia: um ensaio sobre a construção de projetos em comunicação. *Comunicação midiática*, v. 11, n. 2, ago.-dez. 2016.

MARTINO, L. M. S.; MARQUES, A. C. S. A afetividade do conhecimento na epistemologia: a subjetividade das escolhas na pesquisa em comunicação. In: COMPÓS, 27., 2017, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Compós, 2017.

MORIN, E. *O Método 03: o conhecimento do conhecimento*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PIZARRO, M. V. As histórias em quadrinhos como linguagem e recurso didático no ensino de ciências. In: ENPEC, 7., 2009, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Abrapec, 2009.

REY, F. G. *Pesquisa qualitativa e subjetividade*. São Paulo: Cengage, 2007.

SANTAELLA, L. *Comunicação e pesquisa*. São Paulo: Hacker, 2001.

SANTOS, M. O.; GANZAROLLI, M. E. Histórias em quadrinhos: formando leitores. *Transinformação*, v. 1, n.23, p. 63-75, jan./abr. 2011.

SCHNETZLER, R. P.; OLIVEIRA, C. *Orientadores em foco*. Brasília: LiberLivros, 2010.

SILVA, N. M. Elementos para a análise das histórias em quadrinhos. In: INTERCOM, 24., Campo Grande. *Anais...* Campo Grande: Intercom, 2001.

WACQUANT, L. *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

WEBER, M. *Metodologia das ciências sociais*. São Paulo: Cortez, 2010.

WERNECK, D. L. O papel do acadêmico nos quadrinhos em Minas Gerais: estudo de caso. In: WISKER, G. *The good supervisor*. Londres: Palgrave, 2012.

submetido em: 14 abr. 2018 | aprovado em: 18 jul. 2018